



A ESTRUTURA COMUNICACIONAL DE JESUS NA PARÁBOLA DO SEMEADOR, SOB A PERSPECTIVA DO PROCESSO COMUNICACIONAL DE PIERRE LÉVY¹

*THE COMMUNICATIONAL STRUCTURE OF JESUS IN THE PARABLE OF THE SOWER, FROM
THE PERSPECTIVE OF PIERRE LÉVY'S COMMUNICATION PROCESS*

Diego Luz Santos²

Iuri Reblin³

Resumo: O artigo se compromete em analisar o processo de comunicação existente na Parábola do Semeador, descrita no Evangelho segundo Marcos, à luz do processo comunicacional compreendido por Pierre Lévy. Em Marcos 4:13, Jesus interroga os discípulos acerca da parábola com a descrição de que era necessário a compreensão dos distintos elementos que evidenciam o papel do semeador ao semear, dentre os diferentes solos semeados: beira do caminho, pedregoso, espinhoso e terra boa. Sendo assim, num primeiro momento, este estudo apresenta as características da parábola enquanto estrutura narrativa para, num segundo momento, apresentar o contexto da parábola do semeador, visando, por fim, compreender o processo comunicacional estruturado nesta parábola. O texto concluir que se torna claro a importância de uma escuta apurada, do ouvir a palavra para o fortalecimento da estrutura da comunicação.

Palavras-chave: Parábola do Semeador. Processo Comunicacional. Pierre Lévy.

Abstract: This article aims to analyze the communication process in the Parable of the Sower, described in the Gospel according to Mark, in light of the communication process understood by Pierre Lévy. In Mark 4:13, Jesus questions the disciples about the parable, describing the need to understand the different elements that demonstrate the role of the sower when sowing, among the different types of soil: roadside, rocky, thorny, and good soil. Therefore, this study first presents the characteristics of the parable as a narrative structure and then presents the context of the parable of the sower, aiming, finally, to understand the communication process structured in this parable. The text concludes that the importance of careful listening, of hearing the word, to strengthen the structure of communication becomes clear.

¹ Enviado em: 27.09.2024. Aceito em: 18.11.2024.

² Mestre. Faculdades EST. E-mail: diego.jornalluz@gmail.com

³ Doutor em Teologia pelas Faculdades EST. Faculdades EST. E-mail: reblin@est.edu.br.

Keywords: Parable of the Sower. Communication Process. Pierre Lévy.

Introdução

Dentro do âmbito da reflexão teológica e, sobretudo, teológico-eclesiástica, há certa tendência de se observar analiticamente como os Evangelhos, e, neles, a vida de Jesus, pautam e apresentam relações sociais e construções de conhecimento. Afinal, se Jesus Cristo é o próprio Deus encarnado à luz da fé, nada mais justo e coerente que verificar como testemunhas dessa encarnação apresentam as ações de Jesus como paradigmas para as relações sociais hoje, bem como os processos sociais correlacionados. Claro que há momentos em que Jesus será “filho de seu tempo”, e há momentos em que a irrupção do evangelho é percebida pela forma como Jesus viveu, agiu, pensou e se comunicou com as pessoas. Nessa direção, um dos temas recorrentes é tratar Jesus como um mestre que buscou ensinar a humanidade e viver melhor e a se relacionar melhor. Estudos consideram Jesus como um grande pedagogo, usando como artifícios a narração de histórias (sim, com “e” mesmo), o uso de exemplos e ensinamentos por meio de ditos, admoestações, à luz da lei religiosa da época.

Entre as diversas formas de contar histórias/histórias, o uso de parábolas é um dos mais marcantes nos Evangelhos. Mas contar histórias/histórias é, em si, um ato comunicacional. A comunicação, por meio da linguagem, é o processo primordial pelo qual a vida humana se dá porque é justamente um mundo representado, um mundo da linguagem, que intermeia e condiciona a própria vida humana. Não há vida humana fora da representação simbólica articulada pela linguagem. No entanto, durante muito tempo, entendeu-se o ato comunicacional a partir dos seus elementos mais simples, emissão – mensagem – recepção, mas estudos na área da linguagem, da área da comunicação e da área da antropologia, evidenciaram o quanto esse processo é complexo. Uma das compreensões contemporâneas é muito bem representada pelos estudos de Pierre Levy. Nessa direção, este estudo quer lançar um olhar para a técnica das parábolas, em especial, a parábola do semeador, como referência, para buscar

compreender como os processos comunicacionais podem ser identificados e representados nele, justamente a partir de como Pierre Lévy apresenta o processo comunicacional.

Diante disso, este estudo parte da seguinte problemática: Como estruturar o processo comunicacional da Parábola do Semeador à luz da sistematização apresentada por Pierre Lévy? Assim, por meio de uma pesquisa bibliográfica exploratória, o objetivo geral consiste em caracterizar a estrutura da parábola do semeador à luz da teoria de Pierre Lévy. No relato bíblico contido no capítulo 4 do Evangelho de Marcos, Jesus se reúne a beira do mar, entra no barco, enquanto que os discípulos e a multidão se reúnem para ouvir seus ensinamentos. De forma catedrática, percebe-se o quanto o discurso de Jesus é engajado pedagogicamente para melhor entendimento e construção de valores específicos do Reino para conhecimentos acerca do evangelho.

Diante disso, este estudo se ocupa em, num primeiro momento, caracterizar as parábolas em geral, como estrutura narrativa, para, num segundo momento, apresentar o contexto que é apresentado na parábola do Semeador. Por fim, lança-se um olhar à estrutura da respectiva parábola para compreender o processo comunicacional, à luz da teoria de Pierre Lévy.

Parábolas: uso da exegese e da hermenêutica para interpretação

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, a palavra parábola vem do grego *parabolé* que significa “narração alegórica que envolve algum preceito de moral, alguma verdade importante”.⁴ Entende-se que a parábola apresenta uma história de cunho lúdico, porém com construções reais aplicadas à realidade vivida. Existe uma importância no discurso utilizado em parábolas que fazem parte da construção de aprendizagem daqueles que estão imbuídos no contexto de explanação. Jesus constrói uma linha de raciocínio apresentando comparações que destacam lições importantes

⁴ "Parábola", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/parabola> [consultado em 9-09-2024].

para àqueles que desejam conhecer mais sobre sua mensagem principal: o Reino de Deus.

Mesmo com um discurso frequentemente explicativo, com uso de parábolas, percebe-se a dificuldade que discípulos têm para compreensão. Na Parábola do Semeador, relatada em Marcos 4, Jesus narra a história, interroga quanto ao entendimento e depois explica as etapas mencionadas nas entrelinhas da narrativa.

De acordo com Graff,

Parábolas em geral são usadas para ilustrar ou facilitar a compreensão de um assunto complicado; falar do desconhecido a partir do conhecido, do abstrato para o concreto e servir como uma ponte para chegar lá. Quando Jesus fala do semeador que vai semear (Mt 13.3), ele não está falando de alguém realizando literalmente esse trabalho, mas de sua própria missão de semear o Evangelho. O objetivo da história é descrever alguma coisa diferente do que ela na verdade está afirmando. E é justamente pelo fato de uma parábola não ser nem sempre uma simples metáfora, que ela às vezes adquire um grau de complexidade maior em sua interpretação. É preciso atenção nas ações, personagens, situações e outros detalhes significativos. Por essa razão, parábolas também poderiam ser chamadas de alegorias, ou seja, há um outro sentido pretendido pelo texto. Porém, é importante observar que dizer que uma parábola é uma alegoria não significa necessariamente que podemos “alegorizar” uma parábola. Isso por sinal nem é recomendável.⁵

Percebe-se o quanto é o desejo de Jesus em exercer uma comunicação qualificada com o público destinado, desenvolvendo uma reflexão genuína dos contextos vividos em detrimento a uma proposta imbricada na relação “ser” e “evangelho”. Com isso, o uso da hermenêutica bíblica, ou até mesmo a interpretação de cunho exegético, se faz necessário para compreender os aportes históricos mencionados por Jesus dentre às parábolas. A cada parábola mencionada por Jesus existe profundidade e aplicabilidade, que revelam tamanha sabedoria para construção de conhecimento. Para isso vale entender o que significa interpretar texto bíblico com o uso da exegese:

Exegese é, para todos os efeitos práticos, um sinônimo de interpretação. Interpretar ou fazer exegese é escutar o texto de forma atenta. Interpretar não é tirar do texto o que ele não diz; é, isto sim, ler o texto com o máximo de cuidado, para extrair dele tudo que ele de fato diz.⁶

⁵ GRAFF, Anselmo Ernesto. **Teoria e prática do estudo bíblico**. Canoas: Ulbra, 2014. p. 68.

⁶ SCHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica**. Canoas: Ed. Ulbra, 2010. p. 72.

O conhecimento extraído pela exegese evita que se tenham interpretações equivocadas sobre a narrativa bíblica. Para isso vale também se apropriar do uso da hermenêutica, ao qual pode ser diferenciado do processo de análise exegético, no que se destaca:

A hermenêutica bíblica é a ciência e a arte de interpretar a Bíblia. Na qualidade de ciência, enuncia os princípios, investiga as leis do pensamento e da linguagem e classifica seus fatos e resultados. Como arte, ensina como esses princípios devem ser aplicados. Qual relação, então, entre hermenêutica e exegese? A hermenêutica antecede a exegese. Esta, por sua vez, faz uso de princípios, regras e métodos hermenêuticos em suas conclusões e investigações. De uma forma simples, poderíamos dizer que a hermenêutica é a teoria e a exegese é a prática, pois esta aplica os princípios hermenêuticos para chegar a um entendimento correto do texto.⁷

Com o uso das ciências que se dispõem ao campo da interpretação, torna-se mais fácil evitar distorções que prejudicam a real mensagem que o texto propõe à audiência. Sabe-se que interpretações superficiais e extremamente equivocadas abusam de contextos desconexos, apresentando explicações totalmente fora do que o texto real deseja expressar. O conhecimento científico de interpretação bíblica evita que sermões extraídos de textos, como por exemplo de parábolas, deixem de ser compreendidos de forma espiritualizada, mas sim, analisados conforme as devidas proporções evidenciadas pela hermenêutica bíblica e exegese.

Tendo por base os pensamentos de Scholz, ao qual refere a Bíblia como mantenedora de própria interpretação, no que traz a perspectiva da importância da leitura como aporte de conhecimentos destinados à compreensão dos leitores.

Outro pressuposto é que a Bíblia se explica sozinha. Dito de outra forma, a Bíblia é a sua própria intérprete. Na prática, isso significa que a melhor estratégia para interpretar a Bíblia é continuar a leitura, pois mais adiante, provavelmente, aparecerá a explicação.⁸

A leitura da Bíblia serve de exercício para compreensão da narrativa, observando o sentido hermenêutico existente. Entende-se que a leitura do Novo Testamento aponta para uma visão hermenêutica cristológica. É referente a isso, que Scholz se refere quando destaca a importância da centralidade a Cristo na Sagradas Escrituras.⁹ Para

⁷ EDITORA INTERSABERES (Org.) **Interpretação bíblica**. InterSaberes, 2015. p. 30-31.

⁸ SCHOLZ, 2010. p. 16.

⁹ SCHOLZ, 2010, p. 12.

tanto, existem diversos métodos de interpretação bíblica, ao qual vale citar, como indispensável, o método histórico-crítico para compreender a profundidade existente no contexto bíblico.

Evidentemente nesse conjunto de métodos e abordagens para a interpretação do texto bíblico dá uma prioridade ao método histórico-crítico, que é o método indispensável para o estudo científico do sentido dos textos antigos da Sagrada Escritura enquanto “Palavra de Deus em linguagem humana”. É claro que esse método, usado com sabedoria, é indispensável, mas não exclusivo. Pode e deve ser completado por todas as outras 14 abordagens, tanto antigas como modernas, que a ciência da linguagem nos apresenta. O especialista e estudioso das Santas Escrituras tem consciência de que toda leitura e estudo da Bíblia é feita sempre à luz da fé cristã e sempre num clima de oração.¹⁰

No livro “Exegese bíblica: introdução à metodologia”, Denes Izidro destaca etapas exegéticas que ajudam a nortear o entendimento do leitor. As etapas, de acordo com Izidro, podem ser entendidas pela definição e delimitação do texto, análise e contextualização da mensagem.¹¹ A primeira etapa do método histórico-crítico reúne métodos relacionados a crítica literária, crítica textual e tradução. A segunda etapa tem como ênfase analisar o texto com o uso da Crítica da Forma, Crítica da Redação, Crítica da Tradução, Crítica de Conteúdo e Crítica Teológica. Na terceira etapa, por fim, busca tornar relevante e aplicável a mensagem encontrada no texto¹².

Com base nos princípios científicos relacionados a hermenêutica e exegese serão mencionados a interpretação da Parábola do Semeador, narrada por Jesus em Marcos 4. Além das interpretações cabíveis ao texto é importante, também, destacar o cenário de agricultura aplicado referente ao plantio e características de solo na Palestina.

PARÁBOLA DO SEMEADOR: CONTEXTO HISTÓRICO DAS PLANTAÇÕES NA PALESTINA

No novo testamento, encontra-se muitos textos que estão relacionados a cultura agrícola da época. Barclay, ao abordar o contexto da parábola do semeador, destaca que

¹⁰ IZIDRO, Denes F. **Exegese bíblica: introdução à metodologia**. Brasília: Os Semeadores, 2016. p. 12.

¹¹ IZIDRO, 2016, p. 31-32.

¹² IZIDRO, 2016, p. 98.

era uma típica construção de mensagem que contém atributos no contexto que são de fácil compreensão de qualquer pessoa na Palestina.¹³

A Palestina também possuía partes de terra muito férteis e diversos produtos eram produzidos. Os judeus eram exímios preparadores do terreno para o plantio. Sistemas de adubação artificial, irrigação e diversidade de produção marcavam a agricultura na Palestina. O retrato dos Evangelhos do mundo agrícola demonstra um reconhecimento profundo da profissão.¹⁴

A plantação apresentada pelo texto bíblico traz como análise quatro tipos de solo, onde a semente é deixada. Por meio de um cultivo manual, na época coloca-se franjas para servir de divisórias para as plantações. Entre as franjas, o semeador tinha livre acesso para transitar (beira do caminho) e todo o percurso demarcado na terra possibilitava o enrijecimento do solo, impossibilitando que as sementes conseguissem penetrar na terra. Parte do cenário geográfico da Palestina era formado por rochas cobertas por uma camada de terra superficial, o que caracteriza o solo rochoso descrito por Jesus. Quanto aos solos espinhosos descritos na parábola, na Palestina há terras que aos olhos parecem boas, mas ao lançar a semente no típico solo, enxerga-se a existência de espinhos que impossibilitam o crescimento da planta. Já para o contexto histórico analítico apresentado por Schottroff, a parábola do semeador se trata:

de uma área mínima de roça, o que explica que, quando o semear é efetuado com movimentos mais amplos, alguns grãos caem sobre a trilha na margem da roça, que naturalmente não é lavrada junto com a roça, como se pode depreender da própria parábola. [...] Os cardos na margem ou como ilhotas dentro da roça (para ambos os casos há comprovação) e a semeadura de pontos com fundo rochoso igualmente apontam para a escassez de solo cultivável. A parábola, portanto, não documenta um método de cultivo antieconômico, mas a necessidade econômica das pessoas na Palestina daquela época que precisavam cultivar até o último pedacinho de chão apesar dos pontos pedregosos.¹⁵

Frente à necessidade de cultivo das sementes na Palestina, Barclay vai descrever que existe duas formas de semeadura para a época:

Podia-se semear lançando as sementes ao acaso, enquanto o semeador caminhava de um extremo ao outro do sulco. É claro que se nesse momento havia vento, parte da semente voaria a toda

¹³ BARCLAY, William. **O Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 488.

¹⁴ PRUNZEL, Clóvis Jair; LINDEN, Gerson Luis; SCHOLZ, Vilson. **História e literatura do Novo Testamento**. Canoas: Ed. Ulbra, 2011. p. 20.

¹⁵ SCHOTTROFF, Luise. **As parábolas de Jesus: uma nova hermenêutica**. São Leopoldo. Sinodal, 2007. p. 92-93.

classe de terras e às vezes cairia fora do campo de quem semeava. O segundo método era mais confortável, e era comum empregá-lo na maioria das vezes. Colocava-se uma bolsa cheia de semente no lombo de um burro, cortava-se uma ponta da bolsa e logo punha-se a andar o animal de um extremo a outro do terreno enquanto caía a semente. Nesse caso parte da semente podia cair quando o animal cruzava o caminho e desse modo não chegava ao campo.¹⁶

É evidente que existe proximidade entre a parábola do semeador e o contexto real existente no cenário agrícola da Palestina. Schottroff indica a real possibilidade, de se causar admiração, sobre a alta produtividade, mesmo com as dificuldades encontradas com os solos.

Ainda outro aspecto da parábola precisa ser inquirido quanto à relação entre figura parabólica e realidade: a alta produtividade. Menciono aqui apenas o resultado a que cheguei, sem poder efetuar a discussão em detalhes. Na parábola se tem em mente a produtividade por grão de semente, que também em outros textos é utilizada para demonstrar grande produtividade, por exemplo, de uma determinada região. O escalonamento (30,60, 100 vezes) tem razões narrativas. A produção de 100 vezes por grão de semente é atestada também em outras passagens como produtividade altíssima, mas não lendária. A parábola mantém-se, portanto, no quadro da realidade concebível, mesmo que não no quadro da experiência cotidiana - no que se refere à rica produção. Uma produção tão alta é incomum, uma exceção que causa admiração.¹⁷

Com as evidências descritas neste tópico, vale ressaltar que na Parábola do Semeador, Jesus apresenta um método de ensino baseado no cotidiano histórico agrícola da Palestina para explicar acerca do evangelho. O discurso revela o desejo por uma comunicação assertiva para alcançar os discípulos e discípulas que estavam sendo conduzidos ao processo de aprendizagem. Frente a isso, a seguir, poder-se-á entender como foi utilizado o fluxo comunicacional por Jesus.

A COMUNICAÇÃO UTILIZADA POR JESUS NOS QUATRO TIPOS DE SOLO

No livro de Marcos, no capítulo 4, a Parábola do Semeador, narrada por Jesus carrega elementos essenciais para uma comunicação assertiva. Deixa-se claro a importância que é dada a mensagem propagada pelo emissor, quando se chama atenção para a recepção do discurso pelo “ouvir”. Antes de começar a parábola, em Marcos 4: 3, Jesus diz: “Ouvi: eis que saiu um semeador a semear”. O texto indica que Jesus chama à atenção dos discípulos e discípulas para o que estava sendo explanado,

¹⁶ BARCLAY, 2001, p. 488-489.

¹⁷ SCHOTTROFF, 2007, p. 93.

ao qual, de fato, não se aceitaria interferência ao discurso até que lhe fossem ditas todas as palavras.

É possível já entender que existe uma base de estrutura aristotélica quanto a construção da tríade: emissor, mensagem e receptor.

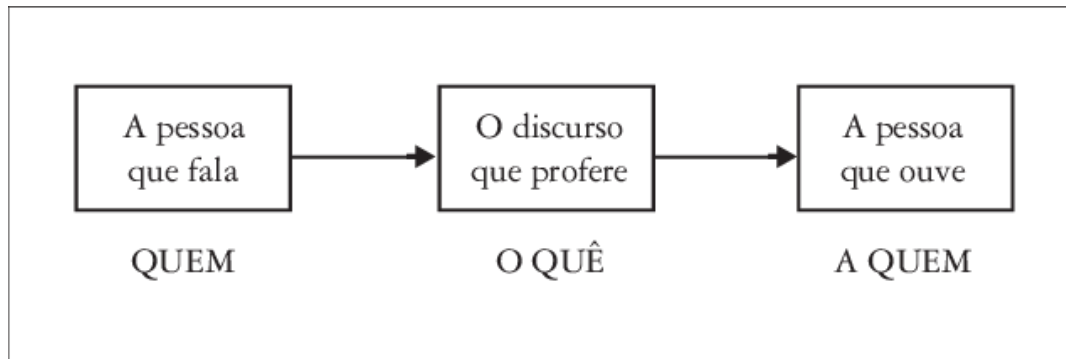


Figura 1 – Sistema de Comunicação de Aristóteles

Fonte: autoria do texto

Claro que, os estudos correntes desdobraram elementos subjacentes a essa tríade, de modo que foi possível identificar uma estrutura mais complexa no processo comunicacional, como o modelo de comunicação de Feedback.

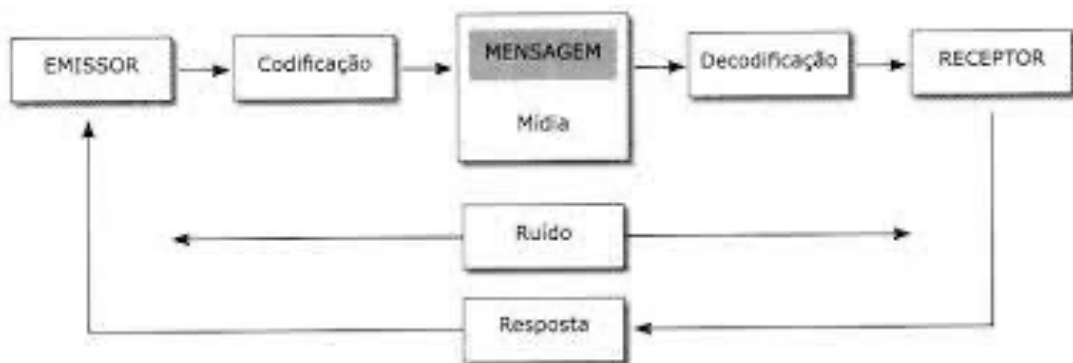


Figura 2 – Modelo de Comunicação (Feedback)

Fonte: autoria do texto

Uma análise da parábola indica que o fluxo comunicacional de Jesus evidencia outros elementos correspondentes ao método utilizado para condução da narrativa da

parábola. Após o discurso de Jesus, o público ouvinte questiona sobre a estória/história contada, dando início ao feedback negativo, da não compreensão sobre o que o emissor (Jesus) disse. Evidente que Jesus usa a oratória como recurso para “emissão” da mensagem. O discurso é “codificado” por meio de uma parábola que tem elementos históricos-sociais inseridos na parábola do semeador. Porém enquanto o discurso é emitido (mensagem) nem todos conseguem “decodificar” os significantes na parábola. Sendo assim, os “ruídos” são constatados pelo “receptor” que, na dúvida, “responde” ao emissor.

O texto destacado entre os versículos 4 e 7 revelam o insucesso do plantio, frente aos diferentes solos aos quais a semente teve contato com a terra e não produziu. Já o versículo 8 apresenta a semente em bom solo, representando o resultado almejado pelo semeador, assim como as possibilidades de produção. Todo o discurso é apresentado e depois é confrontado com o desejo de Jesus para o alcance da informação: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. O que deixa claro o quanto Jesus deseja dentro do fluxo de comunicação à atenção dos discípulos e discípulas para o entendimento do discurso aplicado.

A comunicação é alimentada por fatores linguísticos que possibilitam melhor engajamento com o público almejado. Jesus utilizou bem de recursos linguísticos para introduzir e conduzir os ensinamentos referentes a semeadura da palavra.

Em toda linguagem, algumas, se não todas as palavras compilam fragmentos da história das crenças e suposições compartilhadas pela sociedade que usa essa linguagem. Cada sistema linguístico pode, portanto, ser visto como uma espécie de biblioteca dos conhecimentos compartilhados que permitem argumentações.¹⁸

Mesmo com as evidências comunicacionais textuais apresentadas, munidas de contexto histórico, os discípulos e discípulas tiveram dificuldades de compreensão. O texto diz no versículo 10, que Jesus estando só, os que estavam juntos dele perguntou acerca da parábola. Ele se direciona ao público, dando detalhes sobre a parábola se referindo a quem está aplicada a palavra, até o momento que Jesus indaga: “Não entendeis esta parábola? Como, pois, entenderei todas as outras? Para Schottroff,

¹⁸ RACCAH, P. Y. Argumentation and Natural Language. *Journal of Pragmatics*, 1986. p. 86.

O entender das discípulas e dos discípulos ainda não é o ouvir bem-sucedido; eles perguntam pelo sentido das parábolas (4.10) e recebem explicações adicionais (4.13-20,34). A exortação a ouvir aplica-se, portanto, à multidão reunida, a qual foi dirigida a palavra, ao círculo de adeptos de Jesus e aos leitores e leitoras do texto, ou seja, àqueles que ouvem o discurso de Jesus da boca dos pregadores e das pregadoras futuras.¹⁹

Constata-se que a primeira pergunta é retórica, pois mesmo sem resposta, Jesus já emite a segunda destacando o “como”, que se remete ao comportamento que a multidão e os discípulos e discípulas teriam para o entendimento das próximas parábolas. O que revela que “a fala de uma autoridade reconhecida é comportamento ostensivo e, portanto, suficiente para que se verifique intenção comunicativa e se atribua a ela significado”.²⁰ Logo a após a pergunta, no versículo 14, Jesus já começa a explicar desde o início a parábola, quando recomeça o discurso: “O semeador semeia a palavra”.

É o que Reboul apresenta como definição de retórica:

Eis, pois, a definição que propomos: retórica é a arte de persuadir pelo discurso. Por discurso entendemos toda produção verbal, escrita ou oral, constituída por uma frase ou por uma sequência de frases, que tenha começo e fim e apresente certa unidade de sentido.²¹

A retórica é muito utilizada como recurso de comunicação com o objetivo de gerar reflexão ao público. O emissor sabe a resposta, porém mesmo assim, faz a pergunta como confronto ao raciocínio do receptor. Além disso, vale destacar que a pergunta feita por Jesus é exclusiva do livro de Marcos. A análise de Schottroff afere que

A pergunta crítica de Jesus em 4.13: “Como compreenderéis todas as parábolas?”, falta nos paralelos de Mateus e Lucas. Essa pergunta crítica de Jesus não duvida do entendimento de seus discípulos e discípulas, mas de sua força para ouvir, entender, conformar sua vida totalmente de acordo com a vontade de Deus.²²

A análise histórico-social da Parábola do Semeador descrita por Schottroff tem como centralidade à análise do contexto com o foco determinante ao “ouvir a palavra

¹⁹ SCHOTTROFF, 2007, p. 85-86.

²⁰ SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. **Relevance, Communication and Cognition**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. p. 156.

²¹ REBOUL, O. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 14.

²² SCHOTTROFF, 2007. p. 87.

de Deus”. Dentro do aspecto comunicacional, a autora destaca as formas bem-sucedida e malsucedida de ouvir, quando diz que:

O ouvir malsucedido é tratado primeiramente na parábola (4.3-7); em seguida, em uma palavra de Jesus com citação da Escritura, dirigida apenas às discípulas e aos discípulos (4.1 lb -12). Também a explicação da parábola (4.14-19) e uma metáfora conclusiva referem-se ao ouvir malsucedido (4.25b). O ouvir bem-sucedido igualmente está presente em todas as partes desse discurso de Jesus: 4.8,1 la,20,24,25a,34. Em seu conjunto, esse discurso deve ser lido como exortação ao ouvir, pois essa exortação o perpassa: versículos 3,9,23,24.²³

O “ouvir” na parábola faz parte da construção comunicacional levantada por Jesus para desenvolver uma melhor recepção do que estava sendo dito. A preocupação estava na absorção do conteúdo qualificado da mensagem. Não se admite descartes da informação, pois o resultado para a assertividade da produção agrícola são para “os que foram semeados em boa terra, os que ouvem a palavra e a recebem, e produzem fruto, alguns trinta, alguns sessenta, e outros cem” (Marcos 4:20). Nessa direção, o processo comunicacional apresentado por Pierre Lévy pode acrescentar mais elementos à forma narrativa adotada por Jesus na parábola, à luz do ato comunicativo. Pierre Lévy estrutura o processo comunicativo tendo por base a perspectiva do receptor. Assim, há a representação do seguinte esquema:

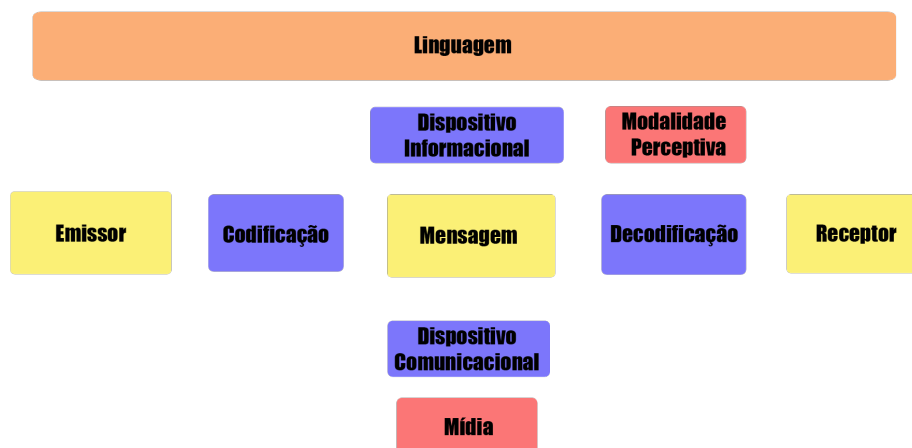


Figura 3 – Processo comunicativo apresentado por Pierre Lévy

Fonte: autoria do texto

23 SCHOTTROFF, 2007, p. 85.

Segundo Pierre Lévy, um processo comunicacional parte de um emissor e é codificado por meio da linguagem. Essa codificação se refere à forma como a informação será registrada para ser comunicada. E aqui o registro se refere diretamente a um tipo de código que será transportado por uma mídia, que é um suporte de informação e comunicação. O processo de codificação de uma mensagem, por sua vez, está relacionado ao dispositivo informacional, isto é, à forma como a mensagem será estruturada narrativamente, e ao dispositivo comunicacional, isto é, à forma como os agentes participantes de um ato comunicacional se relacionam entre si. Esse processo de codificação implica, por sua vez, em como a mensagem será recebida pelo receptor, isto é, qual é a modalidade perceptiva da mensagem.²⁴

Os sujeitos que interagem em um ato de fala já se encontram inseridos e participantes de um universo de sentido. Este universo de sentido é o ambiente no qual se desenrolam as ações e as interações humanas. Ele é composto de duas macroestruturas: o mundo da vida e o sistema. O mundo da vida é a estrutura maior, na qual se encontram os sentidos atribuídos às ações e às interações humanas em sociedade, enquanto que o sistema é a estrutura menor, na qual se encontram os sentidos atribuídos aos “meios de direção”, isto é, estruturas sistêmicas que controlam determinadas ações que possuem um “enfoque racional-com-relação-a-um-fim” (sistema político, economia, etc.). Enquanto que, no sistema, as ações são coordenadas estrategicamente, no mundo da vida, elas são coordenadas através de processos de entendimento.²⁵

Tomando por base a parábola e o que foi expresso até aqui, delinea-se o seguinte processo comunicativo. Jesus usa a linguagem (que aqui funciona como ambiência de mundo entre emissor e receptor e como elemento codificador simbólico), comunicada oralmente (voz como mídia), considerando o dispositivo informacional (parábola) e o dispositivo comunicacional (numa roda de conversa). Essa mensagem é decodificada pela audiência (receptor) que partilha de um mundo comum e que percebe a mensagem pela audição (ouvir). O tipo de dispositivo comunicacional implica diretamente no tipo de feedback relacionado no ato comunicativo.

²⁴ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Lisboa: Edições 34, 1999, p. 64ss.

²⁵ REBLIN, Iuri Andréas. Linguagem e verdade: brincando com as contas de vidro de Rubem Alves e Jürgen Habermas: aportes para a teologia. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 23, set./dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/59/119> Acesso em: 20 jan. 2022. p. 65.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se pelo discurso de Jesus, no uso da Parábola do Semeador, em Marcos 4, o importante desejo de se comunicar com os discípulos e discipulas. Entende-se que a apresentação do Reino não é de fácil compreensão, para isso foi utilizado o recurso da história contada com uso de analogias que carregam a mensagem central do Reino de Deus nas entrelinhas das aplicações cotidianas.

O modelo de comunicação apresentado por Jesus demonstra a importância da pergunta retórica dentro da parábola para se estender a explicação sobre a história contada. Jesus chama atenção no início e no fim da parábola, destacando a audição como um ponto chave para o estabelecimento da compreensão dos liderados. Jesus sabia que a boa recepção da mensagem pelos discípulos e discipulas trariam-lhes frutos. Com isso, entende-se que a comunicação de Jesus, na Parábola do Semeador, é extremamente estratégica para alavancar um olhar diferenciado sobre a verdade pertencente ao Reino de Deus.

Conclui-se que, a Parábola do Semeador tem uma construção extremamente aplicável a pesquisa em Teologia Bíblica e Comunicação, despertando uma nova visão à aqueles que estão como receptores, entenderem, a riqueza do discurso pedagógico de Jesus. O excelente domínio na oratória apresentado, na condução da parábola, revela o quanto se é necessário estabelecer uma comunicação qualificada para melhores resultados na compreensão do público assistido.

Este estudo propôs uma reflexão sobre o modelo de comunicação de Jesus, podendo é claro, ter vários desdobramentos em análise da mensagem emitida aos discípulos e discipulas. Mas não caberá detalhar todas as variantes comunicacionais propostas por Jesus, dentro da missão doutrinária da fé de cada liderado. Mas vale, por meio deste documento de pesquisa, suscitar reflexões que ajudam a compreender a mensagem de Jesus por outra perspectiva.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, William. **O Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

EDITORA INTERSABERES (Org.) **Interpretação bíblica**. InterSaber, 2015.

- GRAFF, Anselmo Ernesto. **Teoria e prática do estudo bíblico**. Canoas: Ulbra, 2014.
- IZIDRO, Denes F. **Exegese bíblica**: introdução à metodologia. Brasília: Os Semeadores, 2016.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Lisboa: Edições 34, 1999.
- PRUNZEL, Clóvis Jair; LINDEN, Gerson Luis; SCHOLZ, Vilson. **História e literatura do Novo Testamento**. Canoas: Ed. Ulbra, 2011.
- RACCAH, P. Y. Argumentation and Natural Language. **Journal of Pragmatics**, 1986.
- REBLIN, Iuri Andréas. Linguagem e verdade: brincando com as contas de vidro de Rubem Alves e Jürgen Habermas: aportes para a teologia. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 23, set./dez. 2010. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/59/119> Acesso em: 20 jan. 2022.
- REBOUL, O. **Introdução à retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SCHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica**. Canoas: Ed. Ulbra, 2010.
- SCHOTTROFF, Luise. **As parábolas de Jesus**: uma nova hermenêutica. São Leopoldo. Sinodal, 2007.
- SPERBER, Dan & WILSON, Deirdre. **Relevance, Communication and Cognition**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.